Revista Saberes & Práticas
ISSN 2596-013X
SABERES& PRÁTICAS

A DESCOBERTA DO MAGISTÉRIO EM MINHA VIDA: CORES E FORMAS DE UMA CAMINHADA DE SUPERAÇÃO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Marcelle Nascimento Santos[1]
Angélica Karlla Marques Dias[2]
Regina Célia Moraes Vieira[3]

Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me conhecer
Você vai lembrar meu nome...
(Música: Amarelo, Azul e Branco
de ANAVITORIA)

Resumo
O memorial trata da apresentação de uma trajetória marcada por enfrentamentos, resiliência e muita dedicação tendo como base fundamental a educação, bem como a importância da reflexão sobre valores humanos.

Palavras-chave: Educação; Trajetórias; Reflexões.

[1] Professora formada em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
[2] Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Lotada na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), no Projeto Oficinas de Formação em Serviços (OFS) onde é formadora no Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas (UEA), na Escola Municipal Aristophanes de Bezerra de Castro. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFAM) e formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: angelica.dias@semed.am.gov.br
[3] Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus. Lotada na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), no Projeto Oficinas de Formação em Serviços (OFS) onde é formadora no Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas (UEA), na Escola Municipal Aristophanes de Bezerra de Castro. Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Formada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: regina.vieira@semed.manaus.am.gov.br

Em preto e branco

Muito prazer! Chamo-me Marcelle Nascimento Santos, professora readaptada, atuando na Rede Pública Municipal de Ensino, há 22 anos e 18 anos respectivamente. Mas nem sempre foi assim...

Iniciei minha vocação para o Magistério em 1994, quando ingressei na Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM) e passei no mini exame de seleção para o Curso de Edificações. Estudar na Escola Técnica era um status na época e eu, filha de pais separados, morando somente com minha mãe, uma auxiliar de Serviços Gerais, havia conseguido.

Meus dias na Escola Técnica eram intensos! Eu passava o dia inteiro lá. Estudava de manhã e à tarde; era bolsista, ganhava meio salário, mais alimentação e transporte para ajudar minha mãe nas despesas de casa. Trabalhava no Gabinete do Diretor - há época. Minha mãe também trabalhava na Escola Técnica limpando e varrendo salas e banheiros.

Logo percebi que o Curso de Edificações não era pra mim: reprovei 2 anos seguidos na disciplina Física pelo mesmo professor. Lembro que ele desenhava funções e equações no quadro inteiro, além de carrinhos e prédios aos quais eu não entendia nada. Resultado: reprovei 2 anos, perdi a bolsa e fui convidada a sair da Escola Técnica Federal do Amazonas.

Diante dessa situação, mamãe queria que eu não estudasse mais, já que tinha perdido 2 anos importantes na minha vida. Ela queria que eu passasse a procurar emprego e trabalhar para sustentar a casa. Pedi mais uma chance.

Nas raras vezes que papai passou lá na porta de casa – pois ele não entrava – perguntou-me se havia passado de ano, no que respondi que não! Ele ligou o carro, era taxista na época, e saiu me xingando, me ofendendo. Encarei aquela ofensa como um desafio e um estímulo a seguir adiante com meus estudos. Era a maneira que papai encontrou - na sua ignorância - de dizer que não era para eu ter reprovado, mas

me esforçado mais e passado. Mal sabia ele que estudar e trabalhar para ajudar nas despesas de casa era uma responsabilidade e tanto para mim, com tão pouca idade, e ver mamãe limpar o chão e varrer salas de corredor em corredor, chegar à noite em casa cansada. Tudo isso era uma flecha em meu coração. Foi então que consegui um serviço de babá. Eu tomava conta da filha de um casal vizinho nosso, todas as noites.

A mãe da criança estudava à noite e o pai trabalhava no 3º turno do Distrito Industrial. Nessa época, fui pedida em namoro por um rapaz que conheci na Igreja católica, chamado Lúcio. Ele era de boa família, participava do Grupo de jovens e tocava violão. Uma noite, após a Missa, ele fez o pedido e eu pedi um tempo para aceitar. O que aceitei. Depois, ele foi pedir permissão da mamãe para namorar de porta. Ela autorizou. Foi meu primeiro namorado. O Lucio tinha um fusca e levava a gente (eu e a criança que eu cuidava) para passear. A gente tomava sorvete porque, às vezes, ela ficava muito enjoada. Coisas de criança.

Surgiu então a oportunidade de fazer o mini vestibular ou exame de seleção do IEA – Instituto de Educação do Amazonas. O Lucio, então meu namorado, se ofereceu para nos levar à noite para fazer minha inscrição no exame, ao qual mamãe disse NÃO! Disse que mesmo não tendo dinheiro para ir, nós iríamos a pé do Japiim ao Centro e foi o que fizemos. Andamos uma madrugada, chegamos no centro de manhã cedo, mas eu consegui fazer minha inscrição no mini vestibular do IEA, que na época era Centro de Excelência em Magistério.

Mais uma prova que obtive sucesso! Passei! Meu nome estava lá no muro, na lista das aprovadas no Curso Profissionalizante em Magistério.

Nessa altura, mamãe já havia saído da empresa em que trabalhava como Serviços Gerais e eu estava sustentando a casa com o serviço de babá. Foi então que resolvi comprar uma pequena geladeira com um bom congelador pra ela fazer dindin e a gente vender pro pessoal que jogava vôlei em frente de casa, além daqueles que passavam na rua e a vizinhança.

Com o dinheiro arrecadado com o dindin, dava para pagar a passagem de ônibus, quando o Lucio não ia me buscar pra ir pro IEA de manhã. E, também, para comprar algo para comer.

Foram 3 anos no IEA. Uma época muito boa. Fiz grandes amizades, a maioria mulheres que hoje atuam nas secretarias, algumas de Educação, outras de Saúde, outra na própria UEA. O Curso de Magistério foi muito bom, até porque não tinha Física, nem Química, nem matemática (Risos).

Entre tentativas e (de) acertos: ainda em preto e branco

No IEA, tive a oportunidade de estagiar em escolas do governo e concluí o curso em 1999. Ao concluir o Ensino Médio, fui trabalhar em uma locadora de vídeo (Videoteca), o que não deu muito certo porque o dono queria me explorar, no sentido de não pagar devidamente. Foi então que resolvi ir ao centro de Manaus entregar meu currículo nas lojas.

Em uma dessas idas, deixei meu currículo nas Lojas Americanas e de imediato fui contratada para trabalhar como Operadora de Caixa, meio período, de carteira assinada! Era um emprego que eu adorava em todos os sentidos: a equipe de trabalho, os gerentes, as amizades, o café da manhã, a comida servida no almoço. Como era uma funcionária esforçada, não demorou muito para eu ser contratada em horário integral. Passei a ganhar um salário que era repartido entre uma cesta básica e o restante para pagar água e luz lá de casa.

Entrava no trabalho 10:00h da manhã e saía 23:00h da noite, ficava até o último cliente sair da loja e ainda tinha que fazer reposição de mercadoria. O Lucio ia me buscar e quando chegava em casa ele queria que eu desse atenção pra ele, namorasse um pouco. Foi então que percebi que ele estava muito apegado a mim e resolvi terminar o namoro. Namoramos 5 anos. Essa decisão foi dura, mas foi necessária. Nosso namoro estava entrando em outra fase. Com o passar do tempo,

vi que trabalhar no comércio não era futuro pra mim, pelo menos como Operadora de Caixa! Trabalha-se muito e ganha-se pouco! Pedi demissão.

No mesmo dia consegui um novo emprego na Casa da Geladeira, como Crediarista - eu tinha 23 anos. Nas Lojas Americanas trabalhei 1 ano e na Casa da Geladeira, 6 meses. O trabalho como crediarista era legal: atender telefone, preencher propostas, aprovar créditos, negar créditos, etc. Mas ainda não era o ideal.

Uma certa tarde, fui escolhida para fazer o depósito da renda do dia da loja, no Bradesco S/A da Eduardo Ribeiro. Era mais ou menos $9.000,00, o que há época era muito dinheiro, que estava distribuído entre espécie, cartões e cheques. Íamos caminhando, eu e o gerente da loja, quando 2 homens passaram em uma moto. Um desceu com arma em punho, e o outro ficou esperando com a moto ligada, quando o primeiro sacou a arma, apontou para o meu peito e disse: “Me dá a bolsa e não grita”! Eu olhei para o gerente e perguntei: O que faço? Ele disse: “Entrega a bolsa, Marcelle”! Foi o que fiz. O homem ainda me apalpou os seios e depois subiu na moto. Foram embora!

Nós demos meia volta e retornamos para o escritório, em plena tarde, à luz do dia, em uma avenida do centro, movimentada. Naquela tarde, eu chorei muito. Fui chamada na sala do dono da empresa e lembro que disse a ele para investir em segurança na sua loja. Ele comprou novamente uma bolsa para mim, canetas, uma carteira e me demitiu. Eu estava namorando um rapaz que havia conhecido no Grupo de Jovens Católicos - JVC - no Santo Antônio, chamado Nildo, e ele foi me deixar em casa aquela noite. Mamãe soube de tudo e também chorou muito, com a possibilidade de ter me perdido em um assalto. E eu estava desempregada. A fase do desemprego foi bem difícil. Passamos muita fome! Pensei em me suicidar e procurei ajuda psicológica na ULBRA[4]. Depois passei a frequentar o Grupo de Oração Ágape da

[4] Universidade Luterana do Brasil.

Paróquia Santíssima Trindade, no Japiim II. Eu e o Nildo achamos melhor terminar o namoro.

Recomeço no morro da preguiça...

Numa ida à missa no domingo, na Santíssima Trindade, encontrei uns jovens no fundo da Igreja e perguntei qual o dia e horário das reuniões. Eles responderam: Sábado, 16:00h. Era o grupo de jovens – JESAC - que passei a ser membra. Lá no JESAC reencontrei a Elaine que havia concluído o curso de Magistério junto comigo. Enquanto isso, em casa, a situação estava cada vez mais difícil. A Igreja me distraía, mas não dava para fugir da realidade de não ter o que comer. Minha mãe não tinha forças para levantar da cama e passava o dia deitada. Até que o Lucio reapareceu. Como ele participava da Igreja, era coordenador do Grupo de Música, tinha oportunidade de participar das reuniões do Conselho e assim tinha contato com o Padre. A Comunidade estava precisando de uma secretária e ele me indicou para o Padre. O Padre foi lá em casa, conversou com a mamãe e me contratou! Virei secretária da Comunidade!

Eu cuidava de batizados, casamentos, eucaristia, dízimo, enfim... Era um serviço surreal. Surreal porque não era um trabalho normal: tinha que cuidar de batizados, fazer comentários em cerimônias de matrimônios, entregar envelopes de dízimos, até preparar café da manhã para o Padre eu fiz! (risos). Não tinha horário para estar em casa. Mas era reconfortante. Com tudo isso, eu e o Lúcio voltamos a namorar e ele me pediu em casamento. Eu disse que sim, mas com uma condição: que tivéssemos um trabalho, um de nós dois. Ele me pediu em casamento dentro do fusca, do alto de um morro que tem lá no Japiim, o “Morro da Preguiça”, numa noite estrelada.

A Secretaria Municipal de Educação havia aberto Concurso para professores de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e eu fiz. Certa noite, ao voltar para casa,

minha vizinha, que também era professora me chamou. Ela estava com um jornal e gritou: “Marcelle, você passou! Seu nome está no jornal”! Eu agradeci, peguei o jornal e corri para a Igreja. O Lucio estava ensaiando com o grupo dele e eu falei: “Lúcio, agora podemos nos casar!” Mostrei o jornal e nos abraçamos! Esse foi o 1º concurso. Dia 1º de maio de 2001 nos casamos. Ele era autônomo, trabalhava com faixas e banners, ainda não tinha se formado em Designer. Fomos morar com a mamãe, mas como não deu certo, decidimos pagar aluguel.

A primeira escola que trabalhei foi o Centro Educacional Ana Mota Braga, lá no Aleixo. Trabalhei com uma turma de 1º ano. Quando passei no Vestibular meu nome também saiu no jornal em 2001. Tudo aconteceu muito rápido: concurso, vestibular, casamento, enfim, mudanças significativas.

Quando entrei na UFAM, em 2001, entrei no Curso de Ciências Naturais. Tinha só uma matrícula na SEMED, saia de manhã de casa e chegava à noite. Mal via o Lucio e a mamãe. Mas estava muito feliz, minha vida tinha mudado para melhor, Deus havia me abençoado muito. Eu era a primeira pessoa a ingressar em uma Universidade Pública da família. Meu pai não foi convidado para a cerimônia religiosa do nosso casamento e não sabia que eu tinha passado no vestibular. Eu o convidei para minha formatura, em 2009. No primeiro ano de exercício do Magistério e primeiro ano de casada veio o maior desafio: minha saúde!

Em 2001, tive o meu primeiro surto psicótico, o que seria o começo de uma luta que durará até quando Deus permitir contra o Transtorno Bipolar. O Transtorno Bipolar não tem cura, mas tem tratamento, e eu, após anos de medicação, terapia, consultas com Psiquiatras, posso dizer que tenho uma vida estável.

No ano 2005, passei no 2º Concurso da SEMED e compramos nossa casa própria. Também tentei o Concurso da SEDUC, ao qual não concluí a prova, pois não estava bem no dia (Agradeço a Deus até hoje).

Depois de comprarmos a casa própria, trocamos de carro. Em 2009, concluí a Faculdade e o Lucio, já então com 8 anos de casados, pôde começar a cursar a dele em Designer gráfico, hoje Bacharel em Design pela Martha Falcão, faculdade que pagamos através do Programa Bolsa Universidade, da Prefeitura de Manaus.

Na SEMED, estou readaptada desde 2008, pela Junta médica pericial do município. Atuo na Biblioteca Iago Cunha da Silva, na Escola Municipal Dr. Aristófanes Bezerra de Castro.

A Pós-graduação para mim é uma oportunidade de superação e uma grande chance que me foi dada de aprimorar minha graduação. Nunca tive essa oportunidade por não atuar em sala de aula e agora pude cursar com louvor essa chance, que abracei com muita força de vontade como em tudo que faço, além de me qualificar, melhorar meu currículo e meus ganhos financeiramente. Mas, antes de passar para esse capítulo importante e atual da minha vida, não posso deixar de registrar as minhas perdas. Minha amada mãe nos deixou em 2020 de morte natural, e a ela e ao meu pai, eu dedico as minhas conquistas como professora. Sei, que lá na eternidade, estão orgulhosos de mim. E, referendando uma das frases de Nelson Mandela “A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”. Posso dizer que esse caminho mudou a minha vida, me mudou e transformou “tudo que era difícil pra mim” em “possibilidades” até então.

Projeto OFS /Pós graduação em serviço: minha ressignificação docente

Já no ano 2020, surgiu o convite, através da Diretora da escola onde trabalho, Francineide Bento de Lima, de estar me matriculando na Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente pela Universidade Estadual do Amazonas UEA/LEPETE e pela Secretaria Municipal de Educação do município de Manaus- -SEMED, no que aceitei e abracei a oportunidade com muita força de vontade. Vontade de dar o melhor de mim e de superar minhas dificuldades e frustrações, nessa que

seria a porta para a minha entrada em dar prosseguimento aos meus estudos, algo que não podia, por não atuar em sala de aula e ser professora readaptada.

No início do curso nos encontrávamos de forma online, por estarmos vivendo a pandemia do Coronavírus no mundo todo. Depois disso, com o fim da pandemia, passamos a nos encontrar, de 15 em 15 dias, no Centro de Tecnologia Educacional na escola e, às vezes, no auditório, com as aulas criativas e agradáveis das professoras Angélica e Regina.

Logo no início, já comecei a gostar do curso e das professoras, sempre abordando os temas das aulas com músicas e dinâmicas que faziam a turma se envolver e se descontrair. Não poderia nunca deixar de citar os lanches maravilhosos preparados pela Profa. Regina. Sempre muito carinhosa conosco! E, também, muito interessante citar que, por ser uma formação continuada em serviço, com todo um aporte humano de compreensão dos contextos escolares em ação, acabamos por construir, juntos, momentos formativos e ativos, antigos e novos, prazerosos!

Também, no decorrer das formações, nos descobrimos parceiros na construção do currículo escolar, encarado como aquele que não é fixo, mas adaptável às situações e necessidades de aprendizagem e de ensino, e de envolvimento com ao alunos em suas diferentes formas de ser. A cada encontro na escola, nossas memórias escolares vinham à tona, assim como nossas memórias afetivas e pessoais. Trazíamos textos e textos de nossas vidas difíceis e também alegres junto aos alunos. Tivemos um momento muito importante de encontro com a nossa identidade docente, que, na verdade, nunca está completa, até o próximo desafio a superar na sala de aula, na escola como um todo e com a comunidade, sempre presente na escola.

As OFS e a construção e desenvolvimento dos projetos de aprendizagem (PA) na escola

O momento de ação e construção de atividades de aprendizagem com os alunos, por meio de projetos de aprendizagem, foi aquele momento onde nos sentimos bem desafiados, pois tínhamos que elaborar e executar algo que nunca tínhamos feito, ou seja, “projetos de aprendizagem”; pelo menos eu.

Ao elaborar nosso projeto de aprendizagem, precisamos de todo um apoio e orientação por parte das professoras formadoras e também da união de nossa equipe de trabalho, pois, como somos mais de 15 participantes da pós, na escola, tivemos que formar equipes, por objetivos comuns de desafios de aprendizagem a superar, junto aos alunos.

O tema escolhido por nossa equipe foi a “Educação inclusiva”. Trabalhamos juntos: Jacklan Dantas, Marcelle Santos, Odelice Sinfrônio, Vitor Gonzaga. Direcionamos nosso projeto para os alunos com qualidades especiais dentro da Escola Aristófanes Bezerra de Castro.

A cada etapa planejada, as sequencias didáticas de intervenção aconteceram na Biblioteca Iago Cunha da Silva, e tinham sempre um roteiro: objetivos, passos a seguir, e material necessário para a realização das atividades com os alunos, naquele dia. Mas, o nosso trabalho em equipe, começava bem antes ou/e no decorrer do período de realização do projeto, como: planejamento, reuniões, quem ia conduzir as atividades num determinado dia e etc. Para minha formação, esse tema foi de suma importância, pois, dentro de nossa Secretaria (SEMED), precisamos de cursos e formações para sabermos como lidar com esse público, que só tem crescido ultimamente.

Assim, conforme o nosso projeto formativo, iniciamos todo o nosso trabalho de intervenção na aprendizagem, por meio de pesquisa com nossos alunos, com a comunidade, com os pais de alunos, e por meio de estudos teóricos baseados, justamente, na nossa práxis cotidiana e nos nossos maiores problemas pedagógicos. Assim, procuramos colocar em prática, muito do que aprendemos durante as oficinas

de formação, considerando as interações do grupo, as experiências de cada um e a contribuição dialogada das professoras formadoras, muito bem contextualizadas e fácil de entendermos.

Considerações finais

Ao concluir esse Memorial, quero expressar que cada etapa dessa Pós-graduação foi importante para o meu crescimento profissional e pessoal. As mudanças em meu ambiente de trabalho são notadas na prática de como conduzo, hoje, o meu quotidiano na escola e até na forma como eu me visto para me apresentar aos alunos e alunas que frequentam a Biblioteca Iago Cunha da Silva.

Voltar à sala de aula, depois de tantos anos, foi muito revigorante para mim! E contar com a condução primorosa das professoras Angélica e Regina foi algo sensacional. Passar por uma pandemia, conviver com colegas profissionais tão diferentes em suas formações e experiências de vida só me fez crescer intelectualmente.

Nesse meio tempo também passamos por um momento de eleição em nosso país, o que nos fez refletir: Que Brasil queremos para nós e as futuras gerações? E a Pós-graduação me fez e, principalmente, nos fez, como grupo de trabalho, refletir sobre isso. Não aprendemos apenas as teorias atuais sobre identidade do professor, processos pedagógicos diferenciados, pesquisa na escola e seus efeitos na formação, projetos de aprendizagem como educação formativa.

Aprendemos que a formação é realmente satisfatória quando atinge os nossos anseios na prática, mas também no reconhecimento de ganhos financeiros, como foi com essa pós. Se me perguntassem hoje se faria outra pós com essas características, eu responderia: faria! Só por mais aprendizado e interação com meus colegas de trabalho, como nunca antes.

Referências

AGUIAR. Joaquim Alves. **Espaços da Memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Fapesp, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1987.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CARRILHO, M. F. *et al*. **Diretrizes para a elaboração do memorial de formação**.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

Metodologia do trabalho científico. Natal: IFP/URRN, 1997. Mímeo.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 18. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 2019.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores**. Porto Alegre, Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.